

A Pedagogia dos Sonhos: Um encarcerado pode sonhar? ¹

Valquíria Michela JOHN²
José Carlos FERNANDES³
Ana Caroline de Bassi PADILHA¹¹
Amábili Gabrielli GOMES⁴
Emanuelle Viana de FREITAS⁵
Isabelle Oliveira HOFFMANN⁶
João Pedro Mello BRAGANÇA⁷
Kenson Koskur COELHO⁸

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência da oficina “Pedagogia dos Sonhos”, realizada por extensionistas do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) no Complexo Penitenciário de Piraquara, Paraná. Inspirada em Paulo Freire e Fernando Góis, a proposta utiliza escuta ativa, relatos pessoais e referências culturais para promover reflexão crítica e esperança entre pessoas privadas de liberdade. Respeitando os limites do cárcere e valorizando a subjetividade dos participantes, a iniciativa reforça o papel da extensão universitária na construção de vínculos, no exercício da cidadania e na promoção de uma educação libertadora.

PALAVRAS-CHAVE

Pedagogia dos sonhos; Educação Libertadora; Sistema prisional; Práticas extensionistas

INTRODUÇÃO

“Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se”. É desta forma que Ana Maria Araújo Freire abre a edição de 2014 do livro Pedagogia dos Sonhos Possíveis, de Paulo Freire. Ela completa: “Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (Freire, 2014, p. 21). Em 2024, ao fazemos o relato da implantação do projeto realizado junto aos detentos da Penitenciária de Piraquara/PR, provocativamente

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR, e-mail: valquiriajohn@ufpr.br

³ Orientador do projeto - Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR. E-mail: zeca@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: amabiligomes@ufpr.br

⁵ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: emanuelleviana@ufpr.br

⁶ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: isabelle.hoffmann@ufpr.br

⁷ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail:

⁸ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: kenson.koskur@ufpr.br

intitulamos nosso texto como “Detentos e Detentas Também Podem Sonhar?” (Deschamps et al, 2024, p. 1). Na ocasião, a escolha não foi por acaso, ela se refere tanto ao contexto prisional brasileiro e seus inúmeros desafios, e o modo como parte da sociedade brasileira vê esse espaço e os sujeitos que habitam, como também uma referência ao recém iniciado projeto de extensão realizado pelo Ncep da UFPR junto a uma unidade prisional.

O NCEP - Núcleo de Comunicação e Educação Popular, é um Programa de Extensão vinculado aos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná. Seu objetivo é estimular a discussão sobre comunicação popular a fim de promover a democratização dos meios de comunicação. “O Ncep completou 20 anos em 2023 e tem atuado em diversos espaços e ações na cidade de Curitiba e seu entorno, com vistas à articulação entre a formação dos futuros profissionais da Comunicação e a construção conjunta destes com as comunidades onde atua” (Deschamps et al, 2024, p. 2). O mais jovem dos projetos, iniciado em 2023 é o Pipa, projeto em parceria com o Complexo Penitenciário Estadual de Piraquara, que se iniciou a partir da produção de um jornal - o Pipa - que passou a dar nome ao projeto.⁹

Após dois anos da implantação do projeto e com já quatro jornais Pipa produzidos em conjuntos com detentos e professoras do colégio local da Penitenciária, neste texto apresentamos e refletimos sobre a realização da Oficina que mais repetimos ao longo desse percurso. Vale lembrar que a produção do jornal se dá com e a partir de um conjunto de oficinas variadas, com temáticas propostas tanto por nós, quanto pelas parceiras dos projetos. Desde modo, apresentamos um relato da experiência que envolve o planejamento, a realização e as reflexões decorrentes da realização das oficinas intituladas de Pedagogia dos Sonhos. Como afirmou Paulo Freire (1992) “O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz.” (p. 99). Para a construção deste relato, articulamos as vivências dos atuais extensionistas que atuam no projeto à experiência dos alunos e alunas que, junto com os professores orientadores e parceiros locais, iniciaram o projeto. É um modo de fazer tanto a reflexividade inerente ao fazer acadêmico, seja ele de ensino, pesquisa ou extensão (todos eles, no caso do Ncep), quanto de estabelecer a valorização da memória das próprias práticas e ações realizadas.

⁹ Para mais detalhes sobre o jornal e o início do projeto, ver o texto de Deschamps et al (2024).

A METODOLOGIA DA PEDAGOGIA DOS SONHOS

De 2023 até o momento atual, a equipe de extensionistas do Ncep passou pelos portões da penitenciária aproximadamente 20 vezes. Nas salas de aula (e outros espaços da unidade em que os encontros se deram), o grupo abordou temas como a violência contra a mulher, comunicação não violenta, me conte sua história – dinâmica desenvolvida pelo projeto em participação na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 2023 –, o gênero textual crônica, mediação de leitura e a produção de *haikais*. Dentre as oficinas realizadas, algumas levavam a temática dos sonhos – perpassando do sonho “dormido” ao “sonhado”, e questionando, em provocação: um encarcerado pode sonhar?

Anteriormente às visitas, o grupo extensionista preparava os materiais que seriam utilizados na oficina. Geralmente em conjunto com os professores orientadores, os graduandos se reuniam para organizar as ideias ou princípios que seriam levantados ao longo da conversa – que, no caso da “Pedagogia do Sonho”, baseou-se nas atividades do padre Fernando de Góis, que utilizava a interação como uma ferramenta de ensino (Góis, 2012). Considerando que na penitenciária existem barreiras de contato e atuação, o processo de montagem das oficinas exigia uma adaptação para que fossem aprovadas conforme as regras e os limites determinados – colocando em debate as possíveis formas de interagir com as pessoas privadas de liberdade, de modo que as atividades fossem realizadas respeitando as normas predeterminadas.

Deste modo, a pedagogia dos sonhos refere-se a uma concepção de educação centrada na esperança, na possibilidade de transformação social e na libertação dos oprimidos. Trata-se de um projeto ético-político e pedagógico em que Paulo Freire (1992; 2014) propôs que a educação deve ser capaz de estimular ações para transformação e não somente adaptação social, formação de sujeitos conscientes de sua realidade, desenvolver pensamento crítico, alimentar a esperança de um futuro mais solidário, humanizado e justo. Essa didatologia se baseia na ideia de que os sonhos de uma sociedade melhor não são ilusões, mas uma ficção viável que impulsiona as lutas por mudanças reais. Pode ser qualificada como “esperança ativa”, pelo que apresentou Freire (1992), “a esperança precisa da prática para tornar-se esperança histórica e concreta”.

A EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM OS SONHOS DOS ENCARCERADOS

A elaboração da oficina parte do processo de desenvolver os vários sentidos que sonhar pode ter, até mesmo o sonhar ao dormir. Esse tipo de análise provoca a autorreflexão, de modo que, recupera o imaginário da vida além do cárcere, destacando a importância de sonhar como algo que vai além da pena. Sendo assim, um dos elementos componentes das oficinas era trazer o relato pessoal dos extensionistas que vivenciaram realidades socioculturais não tão distantes das que são encontradas na penitenciária. A partir da música *A vida é um desafio*, do grupo de rap *Racionais MC's*, o relato de vida na perspectiva de uma jovem periférica, Vitória Smarci – então extensionista do Ncep – complementava a oficina com a sua história, mostrando aos encarcerados como “sonhar de maneira que permitisse a construção de um caminho durante e após a conquista, enxergando a vida como um processo contínuo de sonhos” (Smarci, 2025, em depoimento aos autores).

Através dos relatos de vivências e da incorporação da música, criava-se um espaço de partilha de experiências entre os dois grupos. Vitor Beninni, extensionista do projeto em 2024, que participou da aplicação da oficina nas alas do Centro de Integração Social (CIS) – exclusivamente feminina – e na Unidade de Progressão (PCE-UP), conta que, na prática, a dialogicidade com os encarcerados acontecia de maneira positiva. Em ambas as alas, não havia grades os separando, o que tornava a interação mais próxima. Outra extensionista, Beatriz Deschamps, também relata a experiência da dialogicidade com os encarcerados: “Éramos muito bem recebidos em todas as turmas, o que acabava me motivando. Era perceptível que os alunos conseguiam ver que tanto a oficina quanto a produção do jornal, estávamos fazendo para eles” (Deschamps, 2025, em depoimento aos autores).

Thais Castro – extensionista do projeto em 2024 –, ao tratar das experiências em contato com o sistema carcerário, recorda de uma das visitas à Casa de Custódia de Piraquara (CCP), em que um encarcerado compartilhou um texto que havia escrito, e depois de encerrar a leitura, questionou os extensionistas: “Como posso sonhar se ainda tenho mais seis anos aqui?”. A graduanda recorda que essa pergunta silenciou o grupo e que, naquele momento – e até hoje –, não souberam o que responder. O peso da pergunta era proporcional a sua dificuldade de resposta. “Uma pergunta como essa, carrega consigo

um peso diferente, daqueles que ressoam em nós anos depois” (Castro, 2025, em depoimento aos autores).

Luiza Yasumoto – extensionista do projeto em 2024 – relata que há momentos que relembra com mais afinho, como uma das visitas em que, devido a problemas técnicos, o grupo extensionista não conseguiu reproduzir a música *A vida é desafio*. Foi quando um dos encarcerados da Unidade De Segurança (US) recitou os primeiros versos da música e, aos poucos, todos estavam recitando em conjunto: “Volto à cena como quem reza, e o arrepio é sempre o mesmo: um dos encarcerados da US, fecha os olhos, abaixa a cabeça e recita baixinho os primeiros versos da música. E depois, juntou-se ao primeiro, outro, e de repente, todos recitavam a canção” (Yasumoto, 2025, em depoimento aos autores).

Apesar dos momentos positivos de interação, a troca não é uma regra, e devido a problemas técnicos, estruturais ou que envolvem as regras da penitenciária, as oficinas nem sempre saem como o planejado. Cada visita ao presídio representa uma experiência única e diferente das demais, como relembra Thais, que participou de oficinas com grupos que não exercitavam o diálogo com os extensionistas, ou não recebiam a atividade de forma positiva. Ou ainda, em casos em que a proposta previamente definida não funcionava, o grupo de extensionistas têm de estar preparado para a utilização de outra abordagem adequada, e reformulação de parte do material – priorizando a mescla da linguagem simples e informal às pautas de reflexão.

Para os extensionistas e ex-extensionistas do Ncep, a experiência de compor o grupo que realiza a “Pedagogia dos Sonhos” – que trata de elementos essenciais na vida dos seres-humanos, atuando quase como uma necessidade fisiológica –, é enriquecedor, apesar de seus desafios. Como aprendizados da extensão universitária, o grupo destaca a articulação do estudo do jornalismo (curso de todos os integrantes do projeto) à sua prática, fora dos muros da universidade, retribuindo à sociedade o que se aprende, enquanto mediador do contato de grupos colocados às margens, com o fazer da comunicação. E, ainda, sobre o desenvolvimento profissional, o entendimento enquanto comunicadores que apoiam causas e movimentos políticos.

Ainda que com as experiências vivenciadas de perto, que escancaram as desigualdades estruturais presentes na sociedade, uma vez que “A figura do criminoso abre espaço para todo tipo de discriminação e repressão, com total respaldo social para

isso” (Borges, 2019, p. 23), e as injustiças de um sistema apoiado por um corpo social que crê veementemente no punitivismo – isto é, como se o ato de punir fosse sinônimo de justiça –, as indagações permanecem: como garantir, de fato, o acesso igualitário à educação para homens brancos, pardos e negros? Por que os indivíduos saem do cárcere com danos maiores do que ao entrarem? E, por fim, por que o sistema penitenciário não consegue cumprir com a proposta de ressocialização social?

Não temos a pretensão de responder ou resolver essas questões a partir dos dois anos de trabalho realizando o Pipa, mas de reafirmar que estas são questões que nos afligem e nos movem na realização das atividades. Afinal, seguindo as proposições freireanas, que movem todos projetos e atividades do Ncep, e de sua “pedagogia dos sonhos possíveis” em particular, entendemos que:

Como educadores [e comunicadores] progressistas, creio que temos a responsabilidade ética de revelar situações de opressão. Acredito que seja nosso dever criar meios de compreensão de realidades políticas e históricas que deem origem a possibilidades de mudança. Penso que seja nosso papel desenvolver métodos de trabalho que permitam aos oprimidos(as), pouco a pouco, revelarem sua própria realidade. (Freire, 2014, p. 36)

REFERÊNCIAS

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2019.

BROWN, Mano. A Vida é Desafio. In: Racionais, Nada como um Dia após o Outro Dia. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

DESCHAMPS, Beatriz Favaretto et. al. Detentos e detentas também podem sonhar? Reflexões e tensionamentos a partir da experiência do projeto Pipa. **Anais...** 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Balneário Camboriu, Univali – 5 a 6/9/2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/06282024181520667f27e81d2da.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006 [original de 1992].

_____. Pedagogia dos sonhos possíveis. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GÓIS, Fernando de. As quatro ferramentas pedagógicas da Pedagogia dos Sonhos. Palestra TED/UFPR, 2012.